



Director literario:

*António de Almeida*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

Director artistico:

*Eduardo Malta*  
PAPUSSE



# UM SONHO INFERNAL

■ POR A. BROEIRO ■  
DESENHOS de EDUARDO MALTA



ARLÍIA, a galante Marília, era muito má.

Sua mãe repreendia muitas vezes, mas quando aquele rosto gaiato e gentil se lhe abria num sorriso, toda a sombra de rancôr que deixava transparecer nos modos, desaparecia como por encanto. Então abraçava-a

e beijava-a muito. Mas Marília não era digna do apôr de sua mãe.

Ainda outro dia a mãe a fora surpreender a maltratar o gatinho — coitadinho — que era seu amigo.

Amarrou à cauda do bichano um enorme pedregulho e então assim espicaçava-o com um alfinete.

O pobre animalejo soltava grandes rinhanhaus, mas isso só servia para aumentar o gáudio da Marília e picá-lo, ainda com mais força, até fazer sangue.

(Continua na página 4)



# As três fiadeiras

DA TRADIÇÃO POPULAR ARGENTINA  
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



RA uma vez uma formosa menina que herdara de sua avó uma lindíssima roca; roca côr de ouro ao sol e côr de prata ao luar.

A-pesar-de tão bela, a menina tinha um grande defeito: era preguiçosa, muito preguiçosa. Embora a

Mãe tentasse, constantemente, forçá-la a trabalhar, não o conseguia. Uma tarde, quasi à bôca da noite, quando a roca do sol começava a fiar o novelo da lua, alvo linho, depois de a haver repreendido muito, a pobre Mãe, perdendo a paciência, deu-lhe uma bofetada. Pôs-se a menina a chorar e tal berreiro fez que a Rainha, indo a passar na rua, sôb a sua janela, mandou parar o seu séquito: — (a sua luzida côrte) — e, entrando em casa da Mãe da formosa menina, indagou a razão porque ela assim chorava.

A Mãe não teve outro remédio senão confessar que lhe havia batido, mas, envergonhada de possuir



tão preguiçosa filha, encobriu o verdadeiro motivo de a haver castigado, desculpando-se assim:

— «Saiba Vossa Magestade que lhe bati pelo vício que tem de tanto fiar na roca. Como sou pobrezinha não posso dar-lhe o linho que a toda a hora exige e torna-se impertinente».

Acreditando a Rainha na piedosa mentira, inda por cima repreendeu a pobre mulherzinha e acrescentou, sorrindo para a formosa menina:

— «Nada, para mim, há mais belo que ouvir fiar numa roca! O seu ruído encanta-me os ouvidos. Dá-me a tua menina e eu lhe darei todo o linho que ela me pedir. Há tanto em meu palácio que poderá fiar a vida inteira!»

A tal pedido, a Mãe não pôde opôr-se e a preguiçosa menina viu-se forçada a partir, ao lado da rainha, entre o luzido séquito.

Mal chegou ao palácio, mostrou-lhe esta três quartos atulhados de linho e disse-lhe, meigamente, acariciando-a muito:

— «Fia todo êste linho e quando houveres termi-





## Um sonho infernal

(Continuação da 1.<sup>a</sup> página)

A mãe viu, Ficou desgostosa por sua filha ser assim tão má, repreendeu-a áperamente e quando a pequenita procurou refúgio nos seus braços, a mãe não lho deu. Mostrou-lhe o animal espicado e procurou convencê-la do quanto êle deveria sofrer, perguntando-lhe se gostava que lhe fizessem o mesmo.

Marília pareceu nessa tarde sentir os modos como a mãe lhe falava.

Anoitecia. Foi deitar-se apreensiva, pensando no que sofreria se lhe fizessem o que ela tinha feito ao gatito. Adormeceu.

Já dormia há tempo quando sentiu um ruído estranho na janela. Acordou estremunhada. Ouvia no relógrio os doze badaladas. A hora fatídica...

O barulho que tinha ouvido redobrou e, a breve trecho, pela janela arrombada entrou um bando de diabitos, encarnados como tições, que pareciam ter vindo naquele instante das profundezas infernais e se deitaram a espetá-la com os tridentes, fazendo-lhe lembrar o que tinha feito ao bichano. Sofria possivelmente. Via o sangue correr-lhe dos braços, motivado pelas picadelas dos endiabrados diabitos.

Entanto desfaleceu.

Quando acordou não viu mais à roda dela que um cortejo enorme dos infernais habitantes. Atravessava o espaço. Voava juntamente com aqueles terríveis companheiros.

— Aonde me levais? — perguntou Marília.

— Se isso te interessa muito, dir-te-hemos que te levamos para o Inferno.

Para o Inferno!... Marília lembrava-se agora que sua mãe lhe havia dito algumas vezes, debaixo da sua exaltação, que havia de ir para lá por ser tão tirana e desobediente.

Enquanto ela chorava, os diabos riam-se, riam-se muito e as suas gargalhadas pareciam um trovejar enorme.

Chegaram à gruta que levava ao Inferno. Um diabo gigante servia de guarda aquela horrorosa morada. Feio como todos os diabos, lá estava de pé, com o tridente em riste-pronto a atravessar quem se fizesse ousado.

Marília viu o terrível guarda e não sei como não desmaiou, tal foi o medo que teve.

Levaram-na lá para dentro. Um calor que abrazava. Estava sufocada. Num trono de brazido estava o diabo-rei. Ao lado um dragão de proporções fantásticas com a bôca escancarada, deitando enormes labaredas que lambiam o teto da Gruta. Dentro dessa bôca tremenda, estorciam-se corpos que em Terra certamente tinham sido tão maus como a Marília.

Os diabitos disseram, então, ao diabo-rei.

— Trazemos-lhes aqui esta menina que lá em baixo na Terra era muito má e que fazia muito mal aos animais, não querendo fazer caso dos rogos da mãe para que fôsse boa.

— Perdão, senhor diabo! — disse Marília, ajoelhando diante do diabo. — Eu não torno, serei boa daqui por diante.



— Mas foste má até agora, disse o fenomenal diabo, e é justo que os maus tenham o devido correctivo.

Marília sentia já um calor enorme secar-lhe a garganta e ao lado o dragão esperava, de bôca aberta, que lhe lançassem nas fauces mais aquela vítima.

— Lancem-na ao brazido, exclamou o rei daquela endiabrada malta.

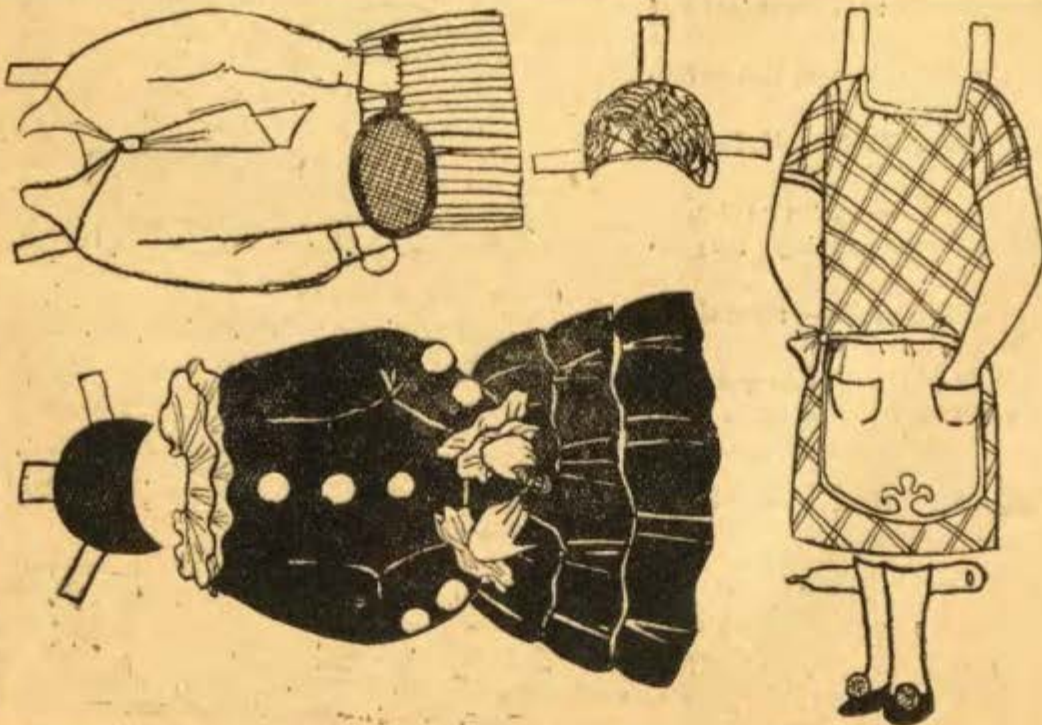
Num repelão, Marília sentiu-se agarrada e, tomando ba-lanço, os diabitos lançaram-na naquela enorm: fogueira,

Não chegou, porém, a cair nas chamas, porque acordou exactamente na ocasião em que transpunha a bôca do he-diondo dragão.

Sentia-se mal disposta e ficou doente. Dois dias de cama.

Quando se levantou, a mãe estranhou a sua obediência e as festas que fazia ao gatinho.

Nunca mais tornou a fazer mal aos animais porque lhe lembrava o que seria o Inferno, onde viu cair todos os me-ninos maus e desobedientes.



■  
COMO  
A  
MIMI  
VES-  
TE A  
SUA  
BO-  
NECA  
■

# As três fiadeiras

(Continuado da página 3)

O Príncipe e os Reis não viram inconveniente nenhum nisso e, no dia da festa, apareceram as 3 mulheres com uma magnífica equipagem.

— Que prazer em vê-las, queridas priminhas da minh'alma! — exclamou a menina.

— Tens umas parentas feissimas — disse o Príncipe à sua prometida e logo, dirigindo-se à que ti-



tos daquelas três mulheres, declarou que só casaria com ela se nunca mais fiasse.

Vejam os meninos a alegria da menina preguiçosa ao ouvir esta determinação do Príncipe.

nha o pé grande, perguntou-lhe: — Porque tens o pé tão chato e comprido?

— É por ter dado tanto à roda, para fiar. — Respondeu a mulher.

— E tu porque tens êsse lábio tão caído? — perguntou à segunda.

— É de tanto molhar o fio, — voltou a outra.

— E tu porque tens êsse dêdo polegar tão grande e chato?

— É de tantas voltas dar ao fio — respondeu a última.

O Príncipe assustado com a idéa de que a sua noiva pudesse ficar assim, ao vêr os enormes defei-

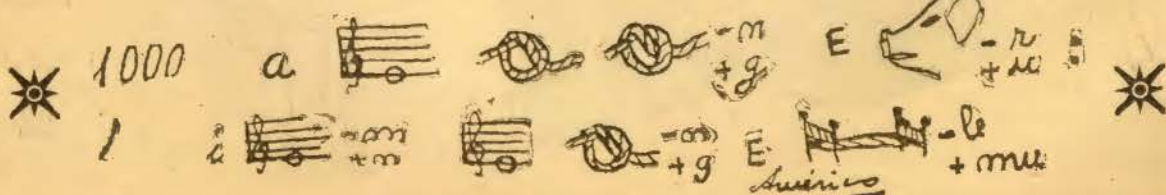


O pior foi que êste, ao saber que a preguiçosa menina havia mentido e nada trabalhava, se recusou por fim a casar com ela.

F I M

## ENIGMA PITORESCO

(por Américo Gonçalves)



Solução dos anteriores: — Nem tudo que luz é ouro. As raças do mundo são: — a branca, a amarela, a malala, a negra e a vermelha.

# PORTÃO DO CÉU

POR G. DE SANTA RITA

Pela rua além  
vai menino Chico  
que tem Pai e Mãe  
e um palácio rico.

Tem leito estufado,  
tem pô-pôs, tem tudo,  
bonito calçado,  
fatos de veludo.

Mas, no coração,  
tem menino Chico  
feia presunção  
por ser muito rico!

E ao ver, pela estrada,  
surgir, de mansinho,  
da Alma enevoadada,  
triste pobrezinho,

que, em bonita prece,  
logo estende a mão,  
pedindo lhe desse  
um pouco de pão,

Em gesto inimigo  
com feio desdem,  
troça do mendigo,  
que não tem ninguém!

Chama-lhe garoto,  
ri-se do seu ar,  
e do fato rôto  
que o faz tiritar!

Indica-lhe os pés  
todos calejados,  
fartos, tanta vez,  
de serem pisados!

E o menino pobre,  
de olhinhos no chão,  
sem guardar um cobre  
nem côdea de pão,

vai-se, com saúde,  
pela estrada além,  
sem uma Amisade  
nem colo de Mãe!

Porém, no momento,  
em que se ia embora,  
brilha o Firmamento  
numa estranha Aurora.

Surge um Anjo belo,  
com ar de mistério,  
de loiro cabelo  
e sorriso etéreo,

que, em feliz abraço,  
leva o pobrezinho,  
no lindo regaço,  
por outro caminho,

Caminho dos Céus,  
onde sempre é Mãe,  
Virgem Mãe de Deus  
que mil filhos tem!

E o menino pobre  
lá ficou no Céu,  
sobre assento nobre  
que a Virgem lhe deu,

tal não sucedendo  
a Chico rabino,  
que bem merecendo  
um outro destino,



encontrou fechado  
o portão dos Céus;  
pois só é chamado  
ao trono doirado,  
quem anda guiado  
pela Mão de Deus.

FIM

## ENIGMA PITORESCO



## ADIVINHAS

Soluções do numero anterior

- 1 — Estrela; 2 — Velas (ilha de S. Jorge)  
3 — Saude; 4 — Carvoeiro; 5 — Sal;  
6 — Cebola; 7 — Ferro.

MORENITA

# CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

## O GALO E A GALINHA

O galo e a galinha são muito amigos e vivem na melhor harmonia. Quando comem ambos pelo mesmo tacho, como agora sucede, esperam que um coma para logo comer o outro.

Esta construção pode ser feita pelos leitores muito pequeninos, pela sua extrema simplicidade.

Cola-se a folha em papelão e recorta-se, depois de seca, com todo o cuidado, abrindo com o bico da tesoura os buracos A, B, C e D das duas peças compridas e dos pés dos animais.

Unem-se êsses buracos por meio de umas «ataches» e fazendo deslizar para um e para outro lado de, maneira que os dois debiquem, simultaneamente dentro do tacho da comida.

